

A humanidade do património histórico – A conservação e a salvaguarda na Rota do Românico

The Humanity of historical heritage - Conservation and safeguarding in the Route of Romanesque

Rosário MACHADO¹, Ricardo MAGALHÃES²

¹ Rota do Românico | VALSOUZA, Centro de Estudos do Românico e do Território, Lousada, Portugal, rosario.machado@valsousa.pt

² AMBT, Conservação e Salvaguarda da Rota do Românico, Lousada, Portugal, ricardo.magalhaes@valsousa.pt

Resumo: Em 1998, inicia-se um processo de desenvolvimento sustentado. Da articulação, promovida por várias entidades, é decidido inventariar os elementos patrimoniais de estilo românico na região do Vale do Sousa e, em 2006, na região do Baixo Tâmega e Douro Sul, no Norte de Portugal. Em 2010, a Rota do Românico é alargada a 58 elementos patrimoniais de estilo românico, unidos em rede e dinamizados numa rota turística estruturada.

De 2003 até à atualidade, a área da conservação e salvaguarda patrimonial tem assumido um papel fundamental na preservação de uma herança histórica ancestral.

A Rota do Românico desenvolve um conjunto de vertentes inerentes à sua dinamização turística e cultural, à produção e disseminação de conhecimento, ao envolvimento da comunidade e à cooperação internacional.

Palavras-chave: património, conservação e salvaguarda, desenvolvimento regional, turismo.

Abstract: In 1998, it began a sustained development process promoted by various entities. It was decided to assemble the heritage elements of Romanesque style in the Sousa Valley region, and in 2006 in the Tâmega and Douro region in the North of Portugal. In 2010, the Route of the Romanesque was extended to 58 heritage elements of Romanesque style joined in a network and structured as a tourist route.

Since 2003, the heritage conservation has assumed a key role in this route to ensure and preserve historical heritage.

The Route of the Romanesque develops a number of aspects related to its promotion as a new cultural tourism product, to the production and dissemination of knowledge, community involvement and international cooperation.

Keywords: heritage, heritage conservation, regional development, tourism.

Introdução

O património histórico traz consigo uma carga genética de humanidade fundamental, pois partindo da premissa dos estudos culturais, também o património histórico é o reflexo da ação humana, tornando-a materializada ao longo dos tempos.

Quando falamos do conceito de património, este tem, desde logo, uma raiz epistemológica ligada à estrutura de família, ou seja, aquilo que o pai (“pater”) deixa ao seu filho. Na lógica do património histórico

ao que se herda (físico e imaterial) da ação humana ao longo dos tempos. Tal como Francoise Choay refere, o património histórico expressa um bem que se destina ao usufruto de uma comunidade e que assumiu uma dimensão maior. A atual sociedade errante e em constante transformação, fruto da recente mobilidade e ubiquidade, o “património histórico” tornou-se numa das palavras-chave da sociedade mediática que tanto nos remete para uma instituição como para uma mentalidade (CHOAY, 2010).

Subtilmente, o conceito de monumento e de património foram convergindo, sendo que ao longo dos tempos os dois conceitos foram passando por momentos de crise. Possuem, desde logo, diferentes origens léxicas: uma anglófona, “heritage”, associada à herança no sentido do bem patrimonial físico e, outra francófona, “monuments”, que deriva do latim, com origem no verbo “monare” cujo significado é “fazer recordar”.

Atualmente, esta questão está estabilizada e é consensual, mesmo sabendo que ao longo dos tempos nos documentos de referência (do ICOMOS e da UNESCO) e em documentos legislativos referenciais existiu alguma indefinição. A Convenção Mundial do Património considera monumento como: as obras arquitetónicas, trabalhos de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, habitações rupestres e combinações de estilos, que sejam de valor universal incalculável do ponto de vista histórico, artístico e científico.

O conceito de património foi consideravelmente alargado e de um conceito que apenas abrangia os monumentos históricos, encontramos hoje confrontados com uma realidade mais vasta que abarca o património natural, cultural e, mais recentemente, o património imaterial (FERREIRA, 2011, p. 63). De referir que o termo património acompanhado do adjetivo “cultural” tem a sua génese em 1959, em França, pelo então ministro de Estado da Cultura, André Malraux, em que o próprio ao tomar posse, redige o decreto definindo a missão do seu ministério (CHOAY, 2015, p. 35).

O património edificado é, por questões histórico-culturais, um dos maiores legados em Portugal, no Brasil e em todo o mundo. Para além do valor do bem patrimonial, entenda-se por edifício, este tem associado a si, na maioria dos casos, um conjunto de bens patrimoniais móveis de valor histórico-artístico incalculável, não só no sentido restrito do económico, mas especialmente do valor simbólico e do valor de pertença.

Com o desenvolvimento do turismo e das rotas turísticas em torno do património cultural edificado, o património cultural acrescenta ao seu uso, focado na maioria das vezes numa dimensão espiritual, a de um espaço de culto, incidindo na maioria do património de carácter religioso, um novo, o da visita e da experiência visual, enquadrado no turismo cultural.

Na atualidade, a luta de afirmação dos territórios numa lógica de estratégia de desenvolvimento local e/ou regional, operacionalizada através de um instrumento económico complexo que resulta da atração de fluxos de visitantes e turistas, o turismo cultural surge como um dos eixos principais dessas estratégias das políticas públicas.

Refira-se, contudo, que o turismo cultural não é, na verdade, uma criação recente. Tem assumido um crescimento significativo ao nível do sector económico, resultado de um conjunto muito vasto de fatores, entre eles, a já referida direcionalidade das estratégias de desenvolvimento dos territórios.

Assim, na estreita ligação entre elementos de memória, arte, sagrado, ... património cultural, o uso dos espaços pelas comunidades de pertença, passam a assumir uma nova função e uma nova capacidade de atração, tão bem plasmado por Roland Barthes, num dos textos de Mitologias, O Guia Azul, escrito entre 1954 e 1956:

... a Espanha do Guia Azul conhece apenas um espaço, aquele que tece, através de alguns vazios sem nome, uma cadeia cerrada de igrejas, de sacristias, de retábulos, de cruzeiros, de custódias, de torres (sempre octogonais), de conjuntos escultóricos (a Família e o Trabalho), de portais românicos, de naves e de crucifixos de tamanho natural. Todos estes monumentos, como se vê, são religiosos, porque de um ponto de vista burguês é quase impossível imaginar uma História de Arte que não seja cristã e católica. O cristianismo é o primeiro fornecedor do turismo e não se viaja senão para visitar igrejas (BARTHES, 1988: 114).

Neste sentido, devemos conjugar um conjunto de ideias fundamentais, intrinsecamente ligadas ao património, o valor de herança, o valor de pertença, a identidade e a memória. As identidades são construídas de memória e o património é o elemento que transporta essa mesma carga genética.

Importa nortear a conservação e a promoção de importantes legados patrimoniais com o cuidado próprio de quem se responsabiliza por fazer perdurar esse mesmo legado para as gerações futuras. A transmissão de geração em geração deve integrar a leitura do elemento patrimonial como uma “enciclopédia de arte”, ou seja, como o resultado das transformações que a humanidade lhe vai acrescentando. Assim testemunham as marcas identitárias, expressas em criações e formas de apropriação do espaço pelo Homem, reveladoras de valores, modos de vida e experiências das comunidades que o construíram, habitaram e vivenciaram.

Uma experiência fundada na História – O caso da Rota do Românico

Em terras dos vales do Sousa, do Douro e do Tâmega, no coração do Norte de Portugal, ergue-se um importante património arquitetónico de origem românica. A sua riqueza e singularidade estiveram na génese do projeto da Rota do Românico, um itinerário estruturado que leva os visitantes à descoberta de mais de meia centena de elementos patrimoniais, desde mosteiros, igrejas, capelas, memoriais, castelos, torres e pontes, edificados sobretudo entre os séculos XII e XIV, intimamente ligados à fundação da nacionalidade portuguesa e testemunhos do papel relevante que este território outrora desempenhou na história da nobreza e das ordens religiosas em Portugal.

Desde a sua génese em 1998, a Rota do Românico assume-se como um projeto público de cariz supramunicipal, que visa contribuir para o desenvolvimento integrado e sustentado de toda a região, fomentando a competitividade, a coesão e a identidade territoriais, numa ótica de qualificação e de valorização económica de um conjunto de recursos endógenos distintivos – o denso e rico património edificado e intangível deste território. Ancorada num conjunto de monumentos de grande valor e de excecionais particularidades, esta Rota pretende assumir um papel de excelência no âmbito do touring cultural, capaz de posicionar a região como um destino de referência do românico nacional.

A melhoria da qualidade ambiental e da reestruturação física do território, protegendo-o e impulsionando o seu correto reordenamento, através do planeamento turístico dos recursos, das infraestruturas de suporte e das facilidades de apoio turísticas; o desenvolvimento de uma nova fileira produtiva, associada ao turismo e com forte potencial de dinamização de atividades conexas, passível de compensar a tradicional monodependência industrial desta região; a dinamização de cursos e ações de formação que contribuam para a formação dos profissionais do turismo e de atividades associadas, que facilitem o aumento da empregabilidade qualificada; e, por último, a melhoria da imagem, interna e externa, da região onde se insere, reforçando a autoestima coletiva, constituem igualmente outros importantes objetivos da Rota do Românico.

Como nasce o projeto

Em 1998, foram selecionados 21 monumentos dos seis municípios (Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel) que compõem a VALSOUSA – Associação dos Municípios do Vale do Sousa e, em 2003, no âmbito dos cofinanciamentos europeus, deu-se início ao desenvolvimento concreto deste projeto através das ações de conservação e valorização dos monumentos previamente selecionados.

Para além da componente infraestrutural, entendeu-se que o plano de ação da Rota do Românico deveria incluir uma componente imaterial, que permitisse elaborar materiais de informação e promoção do património românico da região.

Ainda antes da apresentação pública da Rota do Românico, que viria a ocorrer a 18 de abril de 2008, foi desenvolvido um conjunto de materiais de comunicação, entre eles uma publicação científica, um guia

turístico, uma brochura, um vídeo promocional, um mapa de bolso, um sítio na internet (www.rotadoromânico.com) e uma linha de “merchandising”.

Foram instalados painéis informativos bilingues com informação histórica, arquitetónica e geográfica em todos os monumentos da Rota do Românico, assim como o sistema de sinalização turística e cultural em toda a rede viária da região.

Perante o imperativo de cidadania de promover a mobilidade e a acessibilidade para todos, tem sido desenvolvido, desde 2008, o Plano de Promoção da Acessibilidade da Rota do Românico, identificadas as necessidades de intervenção nos monumentos, nas suas envolventes e nos acessos aos transportes públicos. No âmbito da comunicação acessível e da infoacessibilidade, procedeu-se à produção de materiais de informação em escrita braille e de um vídeo promocional com legendagem e língua gestual, bem como à implementação de uma ferramenta que permite uma versão falada dos conteúdos do nosso sítio da internet em tempo real.

Em 2008, a Rota do Românico iniciou um processo de concertação entre os vários agentes económicos da região, tanto públicos como privados, com o objetivo de apresentar uma verdadeira estratégia de eficiência coletiva em torno de um objetivo comum – a dinamização da Rota do Românico.

Em março de 2010, os municípios de Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende firmaram um protocolo de adesão à Rota do Românico. O processo de seleção do património de origem românica desses municípios culminou na integração de 34 elementos patrimoniais, localizados no Baixo Tâmega/Douro Sul, e de mais três, no Vale do Sousa, sendo a Rota do Românico atualmente composta por 58 monumentos.

Conservação e salvaguarda do património na Rota do Românico

No âmbito do alargamento da Rota do Românico e como consequência do diagnóstico prévio elaborado para todos os monumentos, definiu-se como princípio metodológico que as intervenções deveriam incidir prioritariamente na conservação do património edificado e no património móvel como parte integrante do conjunto.

Assim, os projetos dariam prioridade à salubridade dos edifícios e à sua estabilidade estrutural, bem como à conservação de coberturas, de madeiramentos, de alvenarias autoportantes e dos bens móveis que integram o edificado, tais como pintura mural, madeiras policromadas, azulejaria, entre outras.

Como exceção a um grande conjunto de monumentos em que a conservação é dominante, verificaram-se e verificam-se situações em que os bens patrimoniais acusam um profundo estado de ruína. Nestes casos, a decisão tem passado pela avaliação do significado do bem patrimonial nas suas relações afetivas e do imaginário das populações próximas, optando-se por integrar esses afetos na reabilitação dos bens, em detrimento da manutenção e conservação da ruína. Estas intervenções têm por normativa, no desenvolvimento do projeto, o recurso, sempre que possível, a materiais e técnicas tradicionais, não recusando a linguagem contemporânea do desenho arquitetónico.



Foto 1 – Igreja de S. Mamede de Vila Verde, antes da intervenção | exterior (2003)



Foto 2 – Igreja de S. Mamede de Vila Verde, antes da intervenção | interior (2003)



Foto 3 – Igreja de S. Mamede de Vila Verde, depois da intervenção | exterior (2008)



Foto 4 – Igreja de S. Mamede de Vila Verde, depois da intervenção | interior (2008)

Para a avaliação dos resultados atingidos, embora com as restrições financeiras inerentes ao projeto, há que ter em conta as relações afetivas e emocionais das populações locais perante o objeto patrimonial. Nesse sentido, o comportamento emocional destas foi e é francamente positivo, tendo contribuído para a sua autoestima e assumindo-se elas próprias como responsáveis pela sua manutenção e guarda.

Concretiza-se, assim, o princípio nuclear da salvaguarda dos bens patrimoniais como sendo os elementos constitutivos de identidade que dão sentido à vida, quer seja no plano local, regional ou nacional. Ora, conjugando esta mais-valia do envolvimento das populações locais, o objetivo estratégico é que este património seja vivido pelas comunidades como parte integrante das suas vivências e práticas quotidianas, fator fundamental para a sua manutenção. Só atingiremos os nossos objetivos caso o envolvimento da população se mantenha vivo, permanente e seja partilhado pelas gerações atuais e futuras.

Acresce a este parâmetro o contributo para a qualificação do território quando se atua salvaguardando os bens patrimoniais e a sua paisagem envolvente. A conjugação destes dois aspetos - o envolvimento da população e a qualificação do território - já tem impacto na tomada de decisão dos poderes públicos que gerem o território, bem como na interiorização de modelos de referências pelas populações locais.

A avaliação do valor da Rota do Românico nas políticas e práticas para a salvaguarda do património tem sido sustentada no entendimento de que este não é um objeto isolado para contemplação, mas um conjunto de bens patrimoniais associados e intrinsecamente interligados no território e às populações que o vivem e ao qual em primeira instância pertencem.

Assim o fundamental é a importância dos elementos patrimoniais na sua total essência de património, como tal na sua dignidade.

Acresce a isso o facto de a salvaguarda dos bens dever entender-se enquanto cruzamento do físico, o construído, com o significado que lhe está associado pelas gentes, o intangível. Foi este princípio que balizou e baliza as intervenções levadas a cabo no património da Rota do Românico, que obviamente tiveram sempre presente as recomendações espelhadas nas cartas e convenções internacionais.

A conservação, salvaguarda e valorização do património assume-se, desde a sua origem, como uma das prioridades máximas da Rota do Românico. Ao todo, desde 2003, foram intervencionados 42 monumentos, sendo que alguns deles tiveram mais do que uma fase de trabalhos, tanto ao nível do património edificado, como do património móvel e integrado.



Foto 5 – Igreja do Mosteiro do Salvador de Travanca, antes da intervenção | exterior (2012)



Foto 6 – Igreja do Mosteiro do Salvador de Travanca, depois da intervenção | exterior (2015)

Em 2011, volvidos anos alguns desde o início das intervenções de conservação e salvaguarda e, dando continuidade às indicações das cartas internacionais, a Rota do Românico inicia, numa primeira fase, assumindo o carácter de piloto, o **Plano de Manutenção dos Monumentos da Rota do Românico**, que atualmente, a aplicação a toda a Rota do Românico.

Considerada uma ferramenta de gestão e conservação preventiva, tem como principais objetivos, os de otimizar o planeamento dos recursos, maximizar a preservação da autenticidade, garantir a qualidade do produto turístico, potenciar o envolvimento e a capacitação dos utilizadores, promovendo assim a futura salvaguarda e auto-sustentabilidade deste património.

Para o desenvolvimento conceptual e respetiva implementação foi contratualizada uma consultoria técnica especializada que acompanha e avalia o processo na sua íntegra.

A metodologia desenvolvida pressupõe dois níveis de intervenção: (1) nos imóveis, através do planeamento rotinas de inspeção, monitorização e manutenção; (2) nos utilizadores, mediante acções de boas práticas de sensibilização e capacitação dos utilizadores para o uso e manutenção quotidiana do seu património.

Assente na gestão integrada, foi desenvolvida uma base de dados que integra os seguintes campos: Identificação, Caracterização, Diagnóstico (incluindo a monitorização estrutural, higrotérmica e o mapeamento de anomalias), assim como Manuais de Manutenção (para técnicos, permitem a realização de cadernos de encargos e previsão de estimativas orçamentais) e Manuais de Utilização (destinados a gestores e cuidadores). Simultaneamente e, considerando a importância da transferência de informação e da capacitação de agentes e utilizadores deste património, foram desenvolvidas acções de boas práticas de manutenção e de utilização, destinadas a empresas de construção local, aos gestores dos imóveis e a utentes quotidianos como cuidadores e zeladores. (FERREIRA, 2014)

Embora a qualificação do património histórico e cultural seja fundamental para a Rota do Românico, desde 2004 têm vindo a ser desenvolvidas outras componentes consideradas cruciais para a sua dinamização.

Outras áreas de intervenção

Uma importante aposta da Rota do Românico tem passado pela divulgação do projeto junto da comunidade local, visando o crescente envolvimento da mesma no projeto. Deste modo, a dinamização de atividades lúdico-pedagógicas pelo Serviço Educativo junto da comunidade escolar, assume um caráter fundamental. Desde o ano letivo 2011/2012 que vários estabelecimentos de ensino do Tâmega e Sousa têm acolhido o projeto pedagógico, um número que tem vindo a crescer ano após ano.



Foto 7 – Férias de Verão: “Aprende e diverte-te com o património”, na Ermida do Vale, Paredes



Foto 8 – Projeto Pedagógico “O românico no território do Tâmega e Sousa”, nas escolas do Tâmega e Sousa

Uma das grandes apostas ligada à dinamização cultural do projeto e do território, aconteceu em 2014, com o desenvolvimento de um programa cultural, intitulado “Palcos do Românico”, no qual os monumentos da Rota do Românico foram o palco principal, sem esquecer os equipamentos culturais do território. Ao longo dos 12 municípios da Rota do Românico com mais de 200 eventos, entre teatro, música, dança, exposições, oficinas, etc., envolvendo mais de 50 agentes culturais profissionais nacionais e 12 da região, 1.800 participantes da comunidade local e mais de 20 mil espectadores.



Foto 9 – Palcos do Românico, Concerto do Natal aos Reis, Andarilhos, Mosteiro de Mancelos (2014)



Foto 10 – Palcos do Românico, Entre Espadas e Cruzadas, Teatro de Montemuro (2014)

O Centro de Estudos do Românico e do Território, dinamizado pela Rota do Românico, tem igualmente vindo a desempenhar um papel crucial na produção e disseminação de conhecimento, que se traduziu já na edição de diversas publicações dirigidas a um público cada vez mais abrangente. A par da linha editorial, o

Centro de Estudos criou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian uma pequena biblioteca temática, bem como a Comissão Científica constituída por um conjunto de membros de reconhecimento nacional nas várias áreas do conhecimento que cruzam a Rota do Românico.

A importância das novas ferramentas tecnológicas tem sido reconhecida pela Rota do Românico. Um sítio da internet cada vez mais interativo, incluindo visitas virtuais aos monumentos, e uma aplicação mobile para telemóvel e “tablet” são apenas alguns dos instrumentos que procuram auxiliar o planeamento e a fruição da visita à Rota do Românico.



Foto 11 – Monografia “Românico do Vale do Sousa”



Foto 12 – Página de entrada do sítio da internet da Rota do Românico



Foto 13 – Publicações Temáticas do Centro de Estudos do Românico e do Território



Foto 14 – Cadernos de Atividades da Rota do Românico

O reforço da vertente turística do produto, com a dinamização de programas de visita estruturados, dirigidos ao mercado nacional e internacional, e que se têm traduzido numa crescente procura por parte de visitantes e turistas, tem sido igualmente um dos focos do projeto. Aliás, desde 2008 que a Rota do Românico tem vindo a assumir como prioridade a participação não só em feiras e exposições locais e regionais promovidas por entidades do território onde está inserida, como também a nível nacional e internacional, marcando presença nas mais importantes e conceituadas feiras do setor como a ITB Berlim, na Alemanha, a FITUR – Feira Internacional de Turismo, em Espanha, a AR&PA – Bial do Restauo e Gestão do Património, também em Espanha, e a BTL - Bolsa de Turismo de Lisboa, encarando como um instrumento fundamental para que a Rota do Românico se projete junto dos principais mercados emissores e, assim, integrar os circuitos turísticos comerciais.

Neste âmbito, a Rota do Românico tem potenciado as receitas realizadas nos tecidos turísticos locais, uma vez que tem permitido, de forma direta ou indireta, o aparecimento ou crescimento de um conjunto alargado de atividades e negócios, geradores de receitas, emprego e notoriedade para a região, com destaque para as unidades de alojamento de qualidade superior, de restauração, de empresas de animação turística, de roteiros turísticos temáticos e de unidades museológicas.



Foto 15 – Selo de Qualidade da Rota do Românico

A par disto, a adesão, em 2009, à TRANSROMANICA, a maior rede de locais e itinerários românicos da Europa e considerada um Itinerário Cultural do Conselho da Europa, é demonstrativa da aposta no trabalho em parceria e na internacionalização do projeto.

Conclusão

Vestígios herdados, resultado de uma memória coletiva e de uma identidade, o património, neste caso o românico, afirma-se como um recurso insubstituível e propulsor de dinâmicas locais, regionais e nacionais. A sua proteção, valorização e uso, seja com objetivos sociais, científicos ou didáticos, devem perfilar-se como paradigma central das estratégias de desenvolvimento de um território.

O olhar abrangente, mas integrador, sobre o património é um dos permanentes desafios da atualidade. Encontrar fórmulas certas para conjugar a preservação do património, a sua memória e a identidade, tendo em conta aspetos fundamentais, como a integridade e a autenticidade, é sem dúvida um processo complexo. A gestão assume um papel de destaque e de diferenciação, já que a destruição e o desaparecimento do património no seu todo, constitui, sem dúvida, um ponto de não chegada, pois a linha de memória será perdida no tempo e isso será avassalador para a humanidade. Quem não tem memória, não existe na sua integridade plena.

Referências Bibliográficas

- Barthes, R. (1988). *Mitologias*. Lisboa, Edições 70.
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel.
- Choay, F. (2010). *Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70.
- Choay, F. (2015). *As questões do património, antologia para um combate*. Lisboa, Edições 70.
- Elias, N. (1990). *O processo civilizacional, transformação da sociedade*. Lisboa, Dom Quixote.
- Ferreira, T. (2014) Plano de Manutenção dos Monumentos da Rota do Românico – Manuais.
- Ferreira, V. (2011). Olhares sobre o património cultural. *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte*, 7, 61-72.
- Riegl, A. (2013). *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa, Edições 70.